

MENOS É MAIS: UM DISCURSO SOBRE A CRISE HÍDRICA

LESS IS MORE: A SPEECH ON THE WATER CRISIS

Ane Cristina Thurow*

Jeferson da Silva Schneider**

RESUMO: O Brasil tem enfrentado diversas crises, uma delas é a falta de recursos hídricos em algumas regiões do país. Em 2015, a campanha publicitária da rede Globo, intitulada “Especial sobre a crise da água”, traz depoimentos de apresentadores e atores da emissora sobre o tema. Com o intuito de desenvolver uma análise da repetibilidade da expressão “Menos é Mais” nos depoimentos da campanha, buscamos o aporte teórico da Análise de Discurso de filiação pecheuxtiana. Nosso objetivo é compreender os possíveis efeitos de sentido produzidos nos discursos dos apresentadores e atores, ao tratar da crise da água no país, por meio do uso de palavras conectadas à expressão “Menos é Mais”. A observação da materialidade discursiva possibilitou a configuração de uma formação discursiva representativa da preocupação com o meio ambiente, permitindo a correlação de dizeres e a apreensão de efeitos de sentidos.

PALAVRAS-CHAVE: Discurso; Água; Repetibilidade.

ABSTRACT: Brazil has faced several crises, one of which is the lack of water resources in some regions of the country. In 2015, the Globo network's advertising campaign, entitled “Special on the water crisis”, brings testimonies from broadcasters and actors on the topic. In order to develop an analysis of the repeatability of the expression “Less is More” in the campaign statements, we sought the theoretical support of the Discourse Analysis of Pecheuxtian affiliation. Our objective is to understand the possible meaning effects produced in the speeches of presenters and actors, when dealing with the water crisis in the country, through the use of words connected to the expression “Less is More”. The observation of discursive materiality enabled

* Doutora em Letras pelo Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal de Pelotas (UFPeL, 2019). Mestra em Letras pelo Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Católica de Pelotas (UCPeL, 2014). Bacharela em Psicologia (UCPeL, 2016) e graduada em Letras (Português/ Espanhol/ Inglês) (UCPeL, 2009). Professora da rede pública de Pelotas. E-mail: ane.thurow@gmail.com.

** Mestre em Letras pelo Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Católica de Pelotas (UCPeL, 2015). Graduado em Letras (Português/ Francês) e respectivas Literaturas pela Fundação Universidade Federal do Rio Grande (FURG, 2006). Professor da Universidade Católica de Pelotas e da rede pública de Pelotas. E-mail: jeferson.brasileiro@gmail.com.

the configuration of a discursive formation representative of the concern with the environment, allowing the correlation of sayings and the apprehension of meaning effects.

KEYWORDS: Discourse; Water; Repeatability.

IDEIAS INICIAIS

A dificuldade vivida por cidadãos de algumas regiões do Brasil tem sido evidenciada pelos meios midiáticos, de forma a apresentar a problemática da escassez de água e da necessidade do uso consciente desse recurso natural. A campanha publicitária “Especial sobre a crise da água”, veiculada na rede Globo de televisão, em 2015, evidencia a carência dos recursos hídricos enfrentado pelo país. Ao observarmos a materialidade discursiva da campanha, verificamos a repetibilidade da expressão “Menos é Mais”, que reforça a compreensão do tema da crise hídrica, o qual sugere o sentido de não desperdício. Quando ouvimos o *slogan* “Menos é Mais”, pelo viés da memória discursiva, podemos acionar outros dizeres ligados à expressão dita. Essa questão mantém-se presente na vida dos brasileiros atualmente, visto que a escassez de água tem afetado a manutenção dos reservatórios das hidrelétricas e influenciado no consumo e no pagamento das contas de água e luz em 2021.

A sequência discursiva “Menos é Mais” será tratada como materialidade principal para a constituição deste trabalho, que partirá da repetibilidade da expressão citada, marcando o excesso recorrente no dizer de apresentadores, atores e atrizes nos vídeos referentes à campanha intitulada “Especial sobre a crise da água”, veiculada pela emissora de televisão. Para a análise, serão verificados quatro vídeos divulgados no site da emissora rede Globo, um deles com duração de 30 segundos e os outros, de 15 segundos, de forma que cada ator registra seu depoimento quanto à possibilidade de diminuir o consumo de água em sua residência.

Para a análise dessa materialidade, utilizaremos a abordagem teórica da Análise de Discurso de filiação pecheuxiana, buscando nas noções de discurso, excesso e formação discursiva o aporte necessário para a discussão proposta. O funcionamento discursivo dessa materialidade será analisado com intuito de compreender os possíveis efeitos de sentido produzidos nos discursos dos apresentadores e atores, ao tratar da crise da água no país, por meio do uso de palavras conectadas à expressão “Menos é Mais”, veiculada na emissora da rede Globo.

ANÁLISE DE DISCURSO

A Análise de Discurso (AD), formulada por Michel Pêcheux, é uma disciplina interpretativa que permite ao analista entender o discurso para além do contexto situacional,

possibilitando uma análise que considera a historicidade e as condições de produção de determinado dizer. Dessa forma, “as palavras, expressões, proposições, etc., mudam de sentido segundo as posições sustentadas por aqueles que as empregam”, porque os sentidos dependem das filiações ideológicas dos sujeitos do dizer (PÊCHEUX, 2009, p. 146).

Entendemos que o discurso é palavra em curso, em movimento, e está relacionado à produção de discursos anteriores e posteriores, permitindo que os sentidos estejam em constante transformação. Esses sentidos produzidos pelo discurso estão ligados à historicidade. Assim, “todo discurso é visto como um estado de um processo discursivo mais amplo, contínuo. Não há desse modo, começo absoluto nem ponto final para o discurso. Um dizer tem relação com outros dizeres realizados, imaginados ou possíveis.” (ORLANDI, 2012, p. 39).

O discurso (re)produz sentidos atrelados ao contexto sócio-histórico e tem relações com a memória discursiva que o sujeito aciona a partir de sua imaginária inscrição em uma formação discursiva (FD). O sujeito, interpelado pela ideologia e pela história, produz seu dizer, imagina e cria possibilidades de sentidos, tudo acontece pelo gesto interpretativo do interlocutor. Assim, dizemos que o sujeito é efeito de e da linguagem (ORLANDI, 2010).

A linguagem, como noção da AD, tem sua condição de incompletude, o que permite sua relação com o simbólico e com o real do discurso. Segundo Orlandi (2012, p. 51), “na transparência da linguagem, é a ideologia que fornece as evidências que apagam o caráter material do sentido e do sujeito”, revelando sua opacidade e seus limites heterogêneos. Pela linguagem, percebemos os processos de significação, que podem ser expostos pela deriva, pelo deslize, sendo que “o equívoco, o *non-sens*, o irrealizado tem no processo polissêmico, na metáfora, o seu ponto de articulação” (ORLANDI, 2012, p. 53).

Ao pensar no discurso produzido no processo comunicativo, Pêcheux (2014, p. 81) aborda que ele é “efeito de sentido entre o ponto A e B”, ou seja, A e B são sujeitos que ocupam lugares determinados na formação social e designados pelas formações imaginárias. Dessa forma, entendemos as formações imaginárias conjuntamente com o processo de antecipação. Nas palavras do autor recém citado,

temos assim a imagem da posição sujeito locutor (quem sou eu para lhe falar assim?) mas também da posição sujeito interlocutor (quem é ele para me falar assim, ou para que eu lhe fale assim?), e também a do objeto do discurso (do que estou lhe falando, do que ele me fala?). É pois, todo um jogo imaginário que preside a troca de palavras. (PÊCHEUX, 2014, p. 81)

Essa troca de palavras, ou troca de turnos, remete às formações imaginárias de cada interlocutor no momento de interação, em que as condições de produção mostram-se importantes para a compreensão do sentido. Esta interação permite que o sujeito utilize processos parafrásticos e repetições que remetem à produção de sentido. Isso nos faz pensar na

incompletude do sujeito, dos sentidos e da linguagem. E propomos pensar sobre as três formas de repetição. Conforme Orlandi (2012),

- a) a repetição empírica (mnemônica) que é a do efeito papagaio, só repete;
- b) a repetição formal (técnica) que é um outro modo de dizer o mesmo;
- c) a repetição histórica, que é a que desloca, a que permite o movimento porque historiciza o dizer e o sujeito, fazendo fluir o discurso, nos seus percursos, trabalhando o equívoco, a falha, atravessando as evidências do imaginário e fazendo o irrealizado irromper no já estabelecido. (ORLANDI, 2012, p. 54)

A última concepção de repetição que nos interessa, pois ela permite o deslize, a deriva frente à noção de metáfora. Para a AD, a metáfora “significa basicamente ‘transferência’, estabelecendo o modo como as palavras significam” (ORLANDI, 2012, p. 44), ou seja, a substituição de uma palavra por outra. Pêcheux (2009) afirma que

o sentido existe exclusivamente nas relações de metáfora (realizadas em efeitos de substituição, paráfrases, formações de sinônimos), das quais certa formação discursiva vem a ser historicamente o lugar mais ou menos provisório: as palavras, expressões e proposições recebem seus sentidos da formulação discursiva à qual pertencem. (PÊCHEUX, 2009, p. 240)

Assim, podemos dizer que não existe sentido sem metáforas, pois o sentido não está preso às palavras e nem à literalidade. Os sentidos serão compreendidos segundo a posição do sujeito em relação às condições de produção do discurso. Segundo Orlandi (2012, p. 62), “todo discurso se estabelece na relação com um discurso anterior e aponta para outro” formulando e criando sentidos que se instalam na memória do sujeito. A produção de sentidos acontece porque eles já significaram em algum momento e já estão lá, no eixo da constituição.

Partimos dessa concepção para tratarmos das relações de metáfora, buscando estabelecer princípios interpretativos dos efeitos metafóricos para o analista do discurso. Para Pêcheux (2009),

‘o sentido’ é produzido no ‘*non-sens*’ pelo deslizamento sem origem do significante, de onde a instauração do primado da metáfora sobre o sentido, mas é indispensável acrescentar imediatamente que *esse deslizamento não desaparece sem deixar traços* no sujeito-ego da ‘forma-sujeito’ ideológica, com a evidência de um sentido. (PÊCHEUX, 2009, p. 277, grifos do autor)

Com isso, Pêcheux aborda o efeito metafórico como deslizamento de sentido com a possibilidade da transferência de sentidos em relação às formações discursivas. Para o autor,

é “efeito metafórico o fenômeno semântico produzido por uma substituição contextual para lembrar que esse deslizamento de sentido entre *x* e *y* é constitutivo do ‘sentido’ designado por *x* e *y*.” (PÊCHEUX, 2014, p. 96). A noção exposta tem ancoragem nos escritos de Lacan, percebendo que “uma metáfora não é mais que uma *substituição significativa* porque ali se opera a substituição de um significante por outro significante”¹ (*apud* DOR, 2009, p. 30, tradução nossa). Nesse sentido, relacionamos a metáfora à incompletude da linguagem, a essa possibilidade de a língua significar, mas não de qualquer maneira.

Quanto à noção exposta, para Mariani, a metáfora tem relação com os “pontos de falha na língua, de equívocação, de deslizamento, de deslocamento, lugares que provocam o chiste, a surpresa, o inesperado, enfim, que provocam um estranhamento do dizer em relação ao próprio dizer” (MARIANI, 2007, p. 15). Com isso, a metáfora é a possibilidade de articulação do significante com a função de constituição de significado.

Ao tratar da constituição do dizer, voltamos à questão da repetição que poderia ser uma forma de excesso. Conforme aborda Ernst-Pereira (2009, p. 4), o excesso é “estratégia discursiva que se caracteriza por aquilo que está demasiadamente presente no discurso”. Essa mesma autora expõe suas duas formas de uso, a primeira noção

consiste: 1) no uso de incisivas, considerado na gramática como um acréscimo contingente (cf. Haroche, 1992), de intensificadores ou na repetição de palavras ou expressões e orações. Tais usos, na perspectiva aqui adotada, constituem-se em “acréscimo necessário” ao sujeito que visa garantir a estabilização de determinados efeitos de sentido em vista da iminência (e perigo) de outros a esses se sobrepujarem. (ERNEST-PEREIRA, 2009, p. 4)

Pela concepção exposta, parece haver uma tentativa de manter certo efeito de sentido para o dizer. E, na segunda noção, temos o uso da repetição “na reiteração incessante de determinados saberes interdiscursivos que tomam formas diferentes no intradiscurso, mas mantêm os mesmos pressupostos ideológicos com vistas ao estabelecimento.” (ERNEST-PEREIRA, 2009, p. 4). Assim, a repetição, sob os dois ângulos, parece remeter a um provável tipo de saber de uma FD.

Assim, “chamaremos, então, *formação discursiva* aquilo que, numa formação ideológica dada, isto é, a partir de uma posição dada numa conjuntura dada, determinada pelo estado da luta de classes, determina o *que pode e deve ser dito*” (PÊCHEUX, 2009, p. 147). O que revela que a filiação do sujeito à determinada FD delimitará sua interpretação e a constituição dos efeitos de sentido.

¹ Texto original: “una metáfora no es más que una *sustitución significativa* porque allí se opera la *sustitución* de un significante por otro significante”.

Para Indursky (2003), há uma relação entre a FD e a repetibilidade, abordando que a existência dos saberes pré-existe ao discurso de um sujeito, sendo sua sede a FD e, anterior a ela, o interdiscurso. Para a autora, “os saberes, representados pelos enunciados, existem em uma estrutura, que tanto pode ser tomada em sua existência vertical como horizontal”, de maneira que o interdiscurso está na verticalidade e o intradiscurso, na horizontalidade (INDURSKY, 2003, p. 103). Com isso, verificamos que se estabelece uma relação entre o interdiscurso e os efeitos de sentido produzidos pelo novo dizer. Nas palavras da autora,

ao lado da retomada, da repetição que está implicada em cada formulação, podem ocorrer deslizamentos de sentido, os quais são responsáveis pela reorganização da memória. Esses movimentos, que conduzem ao retorno da memória, permitem, igualmente, estabelecer uma ruptura com a rede de formulações à qual o enunciado está relacionado e inaugurar uma nova rede de formulações. (INDURSKY, 2003, p.107)

Nesta perspectiva, buscamos compreender, por meio da materialidade discursiva, os efeitos de sentido gerados pelo excesso/repetibilidade presente no interdiscurso que se apresenta no discurso, fazendo a movimentação da língua nos diferentes contextos de produção. E, para isso, trazemos a noção de Pêcheux (2008, p. 53) ao expor que “toda descrição está exposta ao equívoco da língua: todo enunciado é intrinsecamente suscetível de tornar-se outro, diferente de si mesmo, se deslocar discursivamente de seu sentido para derivar para um outro”.

A partir das noções apresentadas e da apresentação da materialidade discursiva, pretendemos entender como o uso da repetibilidade remete a deslizamentos, processos de similaridade que surgem e constituem os efeitos metafóricos. Partimos para a exposição do recorte a ser discutido e compreendido pelos pressupostos da AD.

“MENOS É MAIS” – AS ANÁLISES

O problema da crise hídrica no país tem sido abordado desde o início do ano de 2015. Aparentemente, as regiões do Nordeste e Sudeste têm sofrido com a escassez de água para o abastecimento e o fornecimento de água potável à população. Atualmente, os impactos sofridos pela queda do nível das águas nos reservatórios das hidrelétricas têm chegado a outras regiões que vivem o aumento crescente dos valores nas contas de luz e água. Com o intuito de esclarecer a dificuldade vivida pelos cidadãos, a rede Globo começou uma campanha para o uso consciente de água. Vejamos:

Figura 1 – Logo da campanha (2015-2021)

Fonte: Rede Globo (2021)

A Globo lança esta semana a plataforma “Menos é Mais”, que visa propor uma reflexão sobre o uso consciente dos recursos e reforçar a responsabilidade de cada cidadão no desenvolvimento sustentável do planeta. Com início na semana do Dia Mundial da Água, comemorado em 22 de março, a campanha conta com o envolvimento de diversos programas da rede, o engajamento de funcionários e o lançamento de um filme institucional, que traz a participação do elenco da emissora. (GLOBO, 2015)

Para a constituição dessa análise, não utilizamos o conteúdo imagético do filme institucional da campanha. Propomos a observação de quatro depoimentos apresentados em vídeos no site da rede Globo. Esses vídeos relativos à campanha publicitária intitulada “Especial sobre a crise da água” foram produzidos em forma de depoimento para abordar a conscientização do consumo de água. Conforme citado pelo diretor de Comunicação da emissora Globo, Sergio Valente, o objetivo da campanha “é discutir, de forma ampla, como podemos gerar sustentabilidade para garantir para as próximas gerações as condições que temos hoje. Trata-se de uma campanha de conscientização sobre o uso de todos os recursos e não apenas da água” (GLOBO, 2015).

A análise contará com a observação de quatro vídeos, um deles com duração de 30 segundos e os outros três, de 15 segundos cada, com depoimentos do elenco da rede Globo sobre a possibilidade de consumo consciente de água nas residências. O recorte foi escolhido pensando na repetibilidade da expressão “Menos é Mais” e, também, do seguimento dado ao vocábulo “Menos” pelo substantivo “desperdício”. Fica o questionamento do porquê do uso excessivo da expressão “Menos desperdício”. A partir disso, trazemos as materialidades discursivas a serem analisadas.

O primeiro vídeo a ser observado é o depoimento do apresentador Pedro Bial, com duração de 30 segundos. O jornalista é conhecido por apresentar programas de grande audiência,

como o “Big Brother Brasil”, há 15 anos na grade de entretenimento da rede Globo, o programa “Na Moral”, que teve três temporadas com transmissão noturna, de 2012 até 2014 e o *talk-show* “Conversa com Bial”, que está no ar desde 2017. Observamos o depoimento na íntegra para entender o contexto em que está inserida esta sequência discursiva a ser analisada.

Calma! O planeta não vai acabar. Aliás, vai melhorar muito. Daqui a um tempo, a Terra vai se recuperar de tudo que a gente fez de errado. Vai ter água de sobra, absolutamente limpa. Vai ser lindo! Uma beleza mesmo! Pena que vai demorar uns 450 milhões de anos e a gente não vai tá aqui pra ver. Sem água a gente não sobrevive. Hoje, **Menos desperdício é Mais qualidade de vida**. Hoje mesmo. Por isso, Menos é Mais. (Pedro Bial, grifo nosso)

O recorte escolhido é a sequência discursiva (SD1) “Menos desperdício é Mais qualidade de vida.”, que pode ser compreendida por meio do contexto referido no discurso de Pedro Bial. Esse contexto mencionado revela a importância da água na vida das pessoas. Podemos observar a utilização dos adjetivos “limpa” atrelado à palavra água e “lindo” e “beleza” ligados ao planeta Terra. Há um discurso, aparentemente informativo, que pelas entonações (pontuações) e exageros, expõe a intensificação do problema da falta de água, melhor percebida pela sequência “Sem água a gente não sobrevive”. Há uma ironia marcada pela exposição excessiva de advérbios como “muito”, “tudo”, “absolutamente”, remetendo a um saber não verossímil de que a Terra se recuperará.

A SD1 – “Menos desperdício é Mais qualidade de vida.” – pode ser entendida como uma forma de mostrar as práticas destrutivas do sujeito contemporâneo, que nesse contexto enunciativo, expõe sua posição contraditória frente ao cuidado com os bens naturais em prol do processo de socialização. A tomada de posição, evidenciada no dizer do apresentador, direciona-se a um saber que pode/deve ser dito em certas condições de produção, representando uma estrutura, existente intradiscursivamente.

A interpelação do sujeito pela ideologia dominante capitalista é percebida, mas também entendemos que a FD a qual esse discurso se filia revela um desejo de preservação do meio ambiente. Essa preservação só ocorrerá, segundo o discurso do apresentador, se houver “Menos desperdício” e isso, precisa ocorrer “hoje”. Algo que remete ao imediatismo da situação frente à crise de água do planeta, mobilizando outros dizeres atrelados à expressão dita, por meio da memória discursiva. Nesta perspectiva, lembramos que há um dizer que faz emergir saberes pré-existentes quanto à maneira de se preservar a natureza, a partir do uso apropriado da água com “Menos desperdício”.

O próximo recorte conta com o depoimento de Flávia Alessandra e Otaviano Costa, um casal de atores de telenovelas da rede Globo. Otaviano Costa também participou do programa

da noite “Amor e Sexo”, e apresentou o “Vídeo Show”, com grande audiência à tarde. O vídeo do casal conta com a troca de turnos de fala, iniciando pela atriz.

Flávia Alessandra - Lá em casa, o jardim é vertical.

Otaviano Costa - Você rega as plantas de cima e a água que escorre do vaso, rega as plantas de baixo.

Flávia Alessandra - **Menos desperdício, Mais beleza.** Esse é o nosso jeito de mostrar que Menos é Mais.

Otaviano Costa - E o seu jeito qual é? Conta pra gente. (Flávia Alessandra e Otaviano Costa, grifo nosso)

Ao observar este discurso, percebemos um dizer que remete a uma prática realizada pelo casal para a diminuição do consumo de água em sua residência, algo que pode ser assimilado por outros sujeitos. A presença do jardim e das plantas revela o aspecto natural da propriedade do casal, um discurso que pode pertencer a uma FD representativa da preocupação com o meio ambiente. Assim, a materialidade da SD2 – “Menos desperdício, Mais beleza.” – faz referência ao dizer da SD1. Ainda, o uso do termo “beleza” poderia conectar-se ao dizer de Pedro Bial ao abordar a beleza do planeta e a “qualidade de vida” (SD1), o que remeteria a uma substituição significativa, por um deslizamento de sentidos, no interior da mesma FD. Tanto “beleza” como “qualidade de vida” foram utilizadas após o “Mais”, resultante do excesso, que mantém os pressupostos ideológicos e constitui possivelmente a relevância de saberes da FD representativa da preocupação com o meio ambiente. A repetibilidade possibilita a verificação dos saberes, estruturados interdiscursivamente, configurando a FD.

O próximo vídeo, um depoimento de Rodrigo Lombardi, ator de telenovelas da emissora, reflete uma prática social comum na sociedade atual, que é a lavagem dos carros com água potável. Essa atitude pode ser transformada por meio da prática de técnicas sustentáveis que não utilizam a água. Observamos o discurso na íntegra: “É claro que eu gosto de carro limpo, mas se não chove eu não lavo. É gastar água à toa. **Menos desperdício, Mais responsabilidade.** Esse é o jeito de mostrar que Menos é Mais. E o seu jeito qual é? Conta pra gente.” (Rodrigo Lombardi, grifo nosso).

O dizer do ator aborda a necessidade das chuvas para manter os recursos naturais. A SD3 – “Menos desperdício, Mais responsabilidade.” – remete a um saber também filiado à FD representativa da preocupação com o meio ambiente. A expressão “responsabilidade” traz uma concepção ideológica da constituição do sujeito capitalista que precisa estar comprometido com seus afazeres, talvez um saber empírico que emerge pelo viés da memória discursiva dos sujeitos. No entanto, podemos relacionar essa “responsabilidade” ao ato consciente do cidadão ao utilizar a água, visto que é um recurso finito. O termo pode significar uma tarefa que cabe a alguém vinculado à capacidade de agir de forma acertada, ou seja, cuidar o consumo de água é algo que reflete numa prática social e coletiva. Desse modo, os efeitos de sentido

produzidos estarão atrelados à formação social do sujeito e à rede de formulações marcada pela valorização do discurso sustentável.

O último vídeo a ser analisado é o discurso da jornalista Fátima Bernardes, apresentadora de um programa matutino que está no ar desde 2012, chamado “Encontro com Fátima Bernardes”. Empiricamente, seu discurso remete confiança ao telespectador, fato que poderia estar atrelado à tomada de decisão de fazer o depoimento. O discurso da apresentadora é o seguinte: “Agora pode até estar chovendo mais, né? Mas não é porque tem mais chuva que é pra ter menos responsabilidade. É hora de **Mais atitude e Menos desperdício**. Esse é o jeito de mostrar que Menos é Mais.” (Fátima Bernardes, grifo nosso).

O discurso da apresentadora engloba os dizeres das outras sequências discursivas analisadas anteriormente. Percebemos o uso dos termos “chuva” e “responsabilidade” ditos por Rodrigo Lombardi. O que aparenta uma junção de saberes que fomenta a constituição da FD configurada nesta análise. A SD4 – “Mais atitude é Menos desperdício.” – faz uma inversão da forma antes apresentada, mas a repetibilidade da sequência “Menos desperdício” se mantém. Ao relacionarmos SD3 e SD4, percebemos um efeito metafórico construído por meio da similaridade semântica e contextual das palavras “atitude” e “responsabilidade”, pois um ato qualquer remete à responsabilização de um sujeito jurídico. Por isso, os efeitos de sentido, frente à repetibilidade da expressão, reportam a saberes da ordem do discurso sustentável, de modo a buscar o gerenciamento da qualidade do meio ambiente por meio de Mais “atitude” e “responsabilidade” e “Menos desperdício” hídrico. Esses dizeres retomam a noção de que a repetibilidade está conectada à FD, tanto pelo interdiscurso como pelo intradiscurso (INDURSKY, 2003).

Essa construção “Menos desperdício” foi o mote para a escolha do recorte do estudo. Assim, compete um olhar mais aprofundado, buscando compreender os efeitos de sentido produzidos por essa repetibilidade necessária. O excesso, presente nos depoimentos, surge na tentativa de se estabelecer determinados efeitos de sentido para não se sobreponem outros (ERNEST-PEREIRA, 2009). E assim, faz-se a reiteração incessante de determinados saberes interdiscursivos que tomam formas diferentes no intradiscurso, revelando o saber sustentável.

Para a compreensão do vocábulo desperdício, buscamos no dicionário Aurélio seu significado. O substantivo masculino desperdício está descrito como “1. ato ou efeito de desperdiçar; desperdiçamento; 2. desaproveitamento, extravio; perda.” (FERREIRA, 2005, p. 310). Dessa forma, entendemos que não há o aproveitamento/uso adequado de algo, o que, nesta análise, se refere ao consumo de água. Ainda, apreendemos que não há um sinônimo que pudesse ser equivalente ao sentido dado à palavra, o que dificulta esse processo e a substituição do termo. Isso pode responder ao questionamento inicial feito sobre o porquê da repetibilidade demasiada do vocábulo desperdício, assim como acrescentar a ideia de que desperdiçar é fazer o “mau uso”, é não aplicar adequadamente esse bem precioso que é a água.

A campanha publicitária utiliza a expressão “Menos é Mais”. Essa construção linguística feita com dois adjuntos adverbiais de intensidade permite que se acentue a valoração dos substantivos que os seguem. Além disso, ao pensarmos nos saberes da matemática, podemos notar o uso dos sinais negativos na regra de multiplicação, ou seja, a regra diz que dois valores negativos resultam em um valor positivo: $(-)(-) = (+)$. Assim, “Menos desperdício” multiplicado com “Menos desperdício” resulta em “Mais qualidade de vida, beleza, responsabilidade e atitude”, e, a partir disso, verificamos uma gama de efeitos de sentido que podem ser atribuídos a essa união que pode transformar um saber discursivo sustentável.

Essa repetibilidade, ou excesso necessário, do termo “Menos é Mais” pode ser compreendida como uma forma de atribuir um efeito de sentido que seja de rápida assimilação, pois é imprescindível que a população perceba a crise e transforme seus atos frente ao consumo de água. A repetição apresenta a busca pela estabilização de efeitos de sentido que trazem à tona a concepção de que alguns saberes sobre a sustentabilidade precisam se impor. Esse saber da FD, que se preocupa com a preservação do meio ambiente, é evidenciado nos discursos apresentados pelas SDs abaixo.

SD1 – “Menos desperdício é Mais qualidade de vida”

SD2 – “Menos desperdício, Mais beleza”

SD3 – “Menos desperdício, Mais responsabilidade”

SD4 – “Mais atitude é Menos desperdício”

Para finalizar nossa análise, observamos que SD1 e SD4 utilizam o verbo “ser” entre os termos “Menos” e “Mais”, diferentemente das outras SDs, o que possibilita a compreensão de que o verbo de ligação tem apenas um valor de sinal de igualdade nos dizeres. Isso porque a vírgula utilizada em SD2 e SD3 é utilizada para separar palavras da mesma classe gramatical. A leitura atenta das SDs permite que se verifique o funcionamento discursivo das sequências, configuradas a partir de saberes interdiscursivos relacionados à preocupação e preservação do meio ambiente.

A expressão “Menos é Mais”, presente nas SDs, é utilizada como Plataforma de mobilização social sobre sustentabilidade e consumo consciente na rede Globo, desde 2015. Essa informação permite que observemos os efeitos de sentido constituídos a partir do uso da expressão repetidamente nas propagandas da emissora com diferentes temáticas. Podemos analisar um deslizamento de sentidos, um efeito metafórico que acrescenta a ideia de que “Menos desperdício” gera mais sustentabilidade. Para se ter “Mais qualidade de vida, beleza”, é preciso “responsabilidade e atitude”, o que pode incentivar a tomada de decisão de aproveitar mais o que o planeta nos oferece, como a água, para nossa sustentabilidade e sobrevivência.

Durante os anos seguintes, notamos a substituição dos substantivos conectados aos intensificadores “menos” e “mais”. Em 2015, temos como foco a noção de “Menos desperdício”. Surge, em 2020, a campanha “Menos lixo”, conectada às ideias de “Mais futuro, Mais cuidado,

Mais responsabilidade, Mais limpeza, Mais praia”. No ano de 2021, observamos dicas sobre coleta seletiva e como fazer uma composteira caseira, o que modifica a sequência de “Menos é Mais”, contudo, mantém-se à noção de sustentabilidade, consumo consciente e responsabilidade social implantada pelo logo. Após essa análise, passamos para as considerações finais.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com intuito de proporcionar um efeito de fechamento desse texto, evidenciamos a importância das noções de excesso, efeito metafórico e formação discursiva que nortearam a análise realizada, permitindo um gesto interpretativo possível a partir das sequências discursivas. A campanha publicitária “Especial sobre a crise da água” da rede Globo foi um recorte produtivo, por possibilitar a análise da expressão “Menos é Mais” e a compreensão para além do dito.

A partir da materialidade discursiva conseguimos configurar a FD como representativa da preocupação com o meio ambiente, de maneira a situar certos dizeres relacionados ao saber sustentável, como os reguladores dos efeitos de sentido pela reiteração incessante da expressão “Menos é Mais”. Pelas relações constituídas na/pela FD, conseguimos notar os efeitos de sentidos produzidos, explicando algumas determinações ideológicas, saberes e valores aceitos institucionalmente e socialmente adquiridos sobre sustentabilidade.

A repetibilidade do termo “Menos desperdício”, presente nas sequências discursivas analisadas, foi tratada como um excesso necessário, pois, pela reprodução do termo, conseguimos apreender sentidos e relacioná-los aos efeitos metafóricos, conectando-os às sequências discursivas “Menos desperdício é Mais qualidade de vida” e “Menos desperdício, Mais beleza” pela concepção de deslizamento de sentidos e as sequências “Menos desperdício, Mais responsabilidade” e “Mais atitude é Menos desperdício” pela similaridade semântica e contextual.

As marcas discursivas deixadas nos depoimentos produzidos pelos apresentadores e atores, na campanha “Especial sobre a crise da água”, possibilitaram o entendimento do problema vivido em algumas regiões do país e da importância da difusão da informação para a conscientização da população. A partir do tema tratado na campanha e da importância do discurso sustentável, nos questionamos sobre o porquê da divulgação midiática sobre a crise hídrica e dos problemas ecológicos do país somente surgirem em momentos alarmantes em que o prejuízo causado pelo desenvolvimento exacerbado da sociedade, impulsionado pela globalização, já estão presente no cotidiano e influenciando no modo de viver coletivo. Acreditamos que a necessidade de discutir tal tema é relevante e precisa ser constante, visto que a rede Globo é uma emissora de televisão aberta brasileira e tem ampla visibilidade e audiência.

REFERÊNCIAS

- DOR, Joël. **Introducción la lectura de Lacan**: El inconsciente estructurado como lenguaje. Barcelona, Espanha: Gedisa, 2000.
- ERNEST-PEREIRA, Aracy. A Falta, o Excesso e o Estranhamento na Constituição/ Interpretação do Corpus Discursivo. *In: IV Seminário de Estudos em Análise do Discurso* - SEAD, Porto Alegre, 2009. p. 1-6.
- FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Miniaurélio**: o dicionário da língua portuguesa. 6. ed. rev. Atual. Curitiba: Positivo, 2005.
- INDURSKY, Freda. Lula lá: estrutura e acontecimento. **Organon**, Porto Alegre: UFRGS, v. 17, n. 35, 2003. p. 101-121.
- MARIANI, Bethania. Silêncio e metáfora, algo para se pensar. **Revista Trama**. v. 3. n. 5. 2007. p. 55-71.
- ORLANDI, Eni P. **Discurso e textualidade**. 2. ed. Campinas: Pontes Editores, 2010.
- ORLANDI, Eni P. **Análise de Discurso**: princípios e procedimentos. (1999) 10. ed. Campinas: Pontes Editores, 2012.
- PÊCHEUX, Michel. Análise Automática do Discurso (AAD-69). *In: GADET, Françoise & HAK, Tony. Por uma Análise Automática do Discurso*: Uma introdução à Obra de Michel Pêcheux. Campinas: EDUNICAMP, 2014. p. 59-158.
- Pêcheux. (1988) **Semântica e discurso**: uma crítica à afirmação do óbvio. Trad. Eni P. Orlandi et al. 4. ed. Campinas: Ed. da UNICAMP, 2009.
- Pêcheux. **O discurso**: estrutura ou acontecimento. Trad. Eni P. Orlandi. 4. ed. Campinas: Pontes Editores, 2008.
- Rede Globo. Globo lança campanha para incentivar uso consciente de recursos. Menos é mais: Crise da água. **Globo**, 2015. Disponível em: <http://g1.globo.com/economia/crise-da-agua/noticia/2015/03/globo-lanca-campanha-para-incentivar-uso-consciente-de-recursos.html>. Acesso em: 22 maio 2021.

Recebido para publicação em: 2 jul. 2021.

Aceito para publicação em: 14 nov. 2022.